



FERNANDA CRAVIDÃO
LÚCIO CUNHA
PAULA SANTANA
NORBERTO SANTOS
(ORG.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

ESPAÇOS E TEMPOS EM GEOGRAFIA

HOMENAGEM A
ANTÓNIO GAMA

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

**O GEÓGRAFO E O SEU LABIRINTO:
ANTÓNIO GAMA, UMA GEOGRAFIA VIVIDA**

Rui Jacinto/rui.jacinto@iol.pt

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território
e Departamento de Geografia e Turismo
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Retalhos de uma vida vivida: um olhar íntimo, uma narrativa pessoal

“O vivido intensivo dos lugares apaga-se definitivamente perante o vivido fragmentado saltitando por entre não lugares” (AG, 2008).

O convívio de quatro décadas que mantive com António Gama Mendes, além de pessoalmente gratificante, foi profundamente enriquecedor em termos científicos e profissionais. O nosso primeiro encontro remonta ao final de 1972 quando numa aula prática de Geografia Física do primeiro ano da Universidade, onde era monitor, me distribuiu um mapa onde estava representado um troço do Rio dos Mouros, para fazer o respetivo perfil longitudinal. O tempo havia de provar que não foi o facto de estar perante um território que correspondia ao meu espaço vivido que gerou uma empatia imediata e espontânea, mas a sua capacidade de relacionamento e a disponibilidade genuína para apoiar e orientar quem dele se abeirasse.

Não sabia ainda que António Gama estava a investigar os Tufos de Condeixa, no âmbito da sua dissertação de licenciatura, cuja evolução (geo)morfológica

se deve, em boa medida, àquele afluente do Mondego, oriundo das Serras calcárias de Sicó, que recebeu a denominação excessiva de Rio apesar de, durante quase todo o ano, não correr o mais leve fio de água no seu leito. Havíamos de calcorrear as suas margens em vários sentidos, naquele âmbito, noutras circunstâncias ou durante a preparação do seminário de fim de curso onde haveria de estudar o dito Rio dos Mouros. Entre estes momentos iniciais e os anos de brasa subsequentes ao 25 de Abril decorreu um tempo breve mas suficiente para se esboçar uma cumplicidade duradoura de que continuo a reter gratas e indeléveis recordações. Pontuam-na conversas ao acaso, enquanto se caminhava sem destino aparente, debates acalorados, sem tempo nem agenda, em lugares inesperados e improváveis, fossem os corredores da Faculdade, os Jardins da Associação Académica, os cafés, tabernas ou casas de pasto da Baixa.

António Gama tinha facilidade em congregar pessoas à sua volta, gerar um ambiente descontraído e informal, porventura utópico, portanto, propício ao esboço de estratégias infalíveis, nem sempre concretizadas, onde se carpavam derrotas futebolísticas, faziam catarses políticas e pessoais, comemoravam alguns sucessos, mas, sobretudo, as inúmeras vitórias morais que se iam alcançando. A omnipresença da Geografia nunca limitou as conversas nem circunscreveu os debates ao seu perímetro restrito, pois fluíam ao sabor das circunstâncias e dos banais acontecimentos quotidianos, que alimentam a espuma dos dias, comentavam-se as táticas do futebol, a política corriqueira ou a mudança na geopolítica global imposta pelos novos e emergentes realinhamentos. Neste círculo os livros tinham lugar cativo, eram presença obrigatória, tutelar e estimulante, onde se inspirava para nos provocar, sonhar novos projetos, tantas vezes adiados, idealizar viagens, nem sempre concretizadas.

O desejo de mudança conjugado com o espírito inovador e de contida irreverência alcançaram António Gama a referência incontornável da minha geração e dos que, nas décadas seguintes, haviam de frequentar a Geografia de Coimbra. Divulgador científico e agitador de consciências, aliou voluntarismo, disponibilidade e proximidade aos estudantes com um toque de sonho e ingenuidade típicos duma época e duma juventude comprometida. A procura de novos rumos para a vida e para a sociedade também passava por superar